Entrevista com Cidinha da Silva

Oluwa-Seyi Salles Bento¹

RESUMO

Entrevista realizada com a escritora Cidinha da Silva, por e-mail, em 16 de julho de 2019, em São Paulo.

Cidinha da Silva, é prosadora e editora. Publicou, entre outros, *Africanidades e relações raciais: insumos para políticas públicas na área do livro, leitura, literatura e bibliotecas no Brasil* (livro de referência, 2014); *Um Exu em Nova York* (contos, 2018), a Série Melhores Crônicas de Cidinha da Silva, *Exuzilhar* (vol. 1) e *Pra Começar* (vol. 2) e *#Parem de nos matar!* (2019, 2ª edição). É editora do blogue <https://cidinhadasilva.blogspot.com>. É doutoranda no Programa Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento na Universidade Federal da Bahia. Tem textos publicados em catalão, espanhol, francês, inglês, italiano.

Revista Crioula: *Você é prosadora, dramaturga, pesquisadora, editora, fundadora do Instituto Kuanza, formada em História, atuou como presidente do Geledés Instituto da Mulher Negra... Muitas experiências constroem sua identidade. Você, quando criança, imaginava tudo isso para si?*

¹Mestranda em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa. Bolsista CAPES.

Cidinha da Silva: Não imaginava essas coisas, exatamente. Eu queria ser escritora desde os 10, 11 anos, mas foi um desejo muito adiado até os 39 anos. O que tive na infância foi autorização e incentivo pra sonhar, dados principalmente pelo meu pai. Então, desde pequena eu quis o mundo, busquei o mundo e me permiti na vida adulta, construir os mundos que desejei (desejo).

RC: *Qual o tema da sua pesquisa de doutorado?*

CS: Políticas públicas para o livro, leitura, literatura e bibliotecas no Brasil na perspectiva de africanidades, nos governos Lula e Dilma e na cidade de São Paulo (2003-2016).

RC: *Quais os diálogos que sua atuação na academia trava com as suas ocupações artísticas?*

CS: A política é algo muito presente na minha vida desde a infância. Gosto muito do campo da política e o entendo como uma forma de gerir a vida (negociar conflitos) e promover direitos, principalmente para as pessoas mais desprotegidas social e economicamente. A política atravessa a minha obra. O interesse pelas políticas públicas foi algo natural, um caminho para atingir muitas pessoas ao mesmo tempo. Meu tema do doutorado contempla alguns dos maiores interesses da minha existência: africanidades pautando a vida, modelando a vida, nesse caso, as políticas públicas para o livro, leitura, literatura e bibliotecas nesse pedaço da diáspora negra que é o Brasil. Está tudo junto e misturado.

RC: *Na atual conjuntura política no Brasil, quais os avanços e retrocessos possíveis em políticas públicas voltadas para a população negra?*

CS: Não vejo nenhuma possibilidade de avanço em nível federal, se conseguirmos manter algumas coisas será lucro. Vejo possibilidades no âmbito das cidades, tenho esperança de que nas eleições de 2020 consigamos dar algum tipo de resposta a essa onda reacionária que toma conta do país. É uma esperança apenas. Penso também que as pessoas jovens precisam se postar de maneira mais firme para garantir aquilo que as gerações anteriores conquistaram para elas. Vejo uma apatia específica nesse setor e é essa moçada que mais precisa lutar pra não perder o pouco que conquistamos.

RC: *Qual sua opinião sobre a adjetivação da literatura, ou seja, o uso de termos como 'negra' ou 'afro'?*

CS: Não tenho problemas ou desconfortos com a adjetivação, me sinto confortável com os termos literatura negra, literatura afro-brasileira e literatura afro-diaspórica, mas não me ocupo de defendê-los ou discuti-los, não gasto meu tempo com isso. Este é um tema para pesquisadoras e pesquisadores do campo ou ativistas, não sou uma coisa nem outra. Sou escritora. Quero discutir meu trabalho, meus 15 livros autorais lançados em 13 anos de atividade literária. Entretanto, costumo me insurgir quando alocam meu trabalho em categorias diferentes das que citei (não darei exemplos pra não dar ibope), por achá-las inadequadas, e reputo algumas como conceitos rasos e insuficientemente fundamentados. Me insurjo também quando as categorizações tentam me prender em caixinhas limitantes, pobres e burras, muitas vezes.

RC: *Que trabalho o Instituto Kuanza desenvolve?*

CS: O Instituto Kuanza não existe mais, extinguiu-se em 2010. Tem um pessoal aí que me apresenta e que insiste em colocá-lo na minha biografia como se ele ainda existisse, preciso corrigir isso. Eu o transformei (com autorização das outras mulheres que compuseram o extinto instituto junto comigo) numa iniciativa editorial que é a Kuanza Produções, responsável pela edição das minhas melhores crônicas. Estão previstos sete volumes e já lancei dois, *Exuzilhar* e *Pra começar*.

RC: *Se você pudesse indicar a alguém apenas uma obra literária brasileira, independente do gênero, mas que não seja de sua autoria, qual seria? Por quê?*

CS: Indico duas, igualmente bem tramadas, bem escritas, densas e que configuram uma aula magna ou “master class”, se quiserem, de como escrever um texto literário consistente e surpreendente, dois romances épicos, *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves, e *Cidade de Deus*, de Paulo Lins.

RC: *E se você pudesse indicar apenas uma obra sua, independente do gênero, a alguém que nunca leu nada de sua autoria, qual seria? Por quê?*

CS: Indico *Um Exu em Nova York*, porque é meu melhor livro, meu exercício criativo mas livre, bem acabado e intenso.

RC: *Como tem sido a recepção do seu novo livro, Um Exu em Nova York?*

CS: Excelente, por parte do público e da crítica. Nós o lançamos em setembro de 2018 (1500 exemplares) e sete meses depois tivemos necessidade de reimprimi-lo (2000 exemplares). Para uma autora independente como eu, para um livro que não

conta com esquemas poderosos de marketing, isso significa muita coisa. Eu comemoro e amplio as metas. Recebo também notícias das pessoas, de muita gente que leu o livro na casa de amigos, sem ter o seu próprio exemplar, sinal de que o Exu realmente circula. Alguns clubes de leitura começam também a adotá-lo. Caminha bem, meu *Exuzinho* querido.

RC: *Você publica alguns textos, sobretudo crônicas, em seu blog. O que te motivou a compartilhá-los online ao invés de privilegiar apenas os livros?*

CS: Foi uma forma de comunicação com o público. Houve um período em que escrevi para portais de notícias como *Fórum*, *Diário do Centro do Mundo* e ainda mantenho uma coluna no *Jornalistas Livres*. Desejo mesmo escrever para uma publicação em papel, jornal ou revista, mas nunca me convidaram (alô, alô, veículos de comunicação impressa!, me convidem, me contratem; faço umas crônicas redondinhas). É também uma estratégia de divulgação da minha obra e de ampliação de públicos.

RC: *Ao seu ver, a publicação online atrai um grupo maior de leitores para seus posteriores livros impressos ou o público das duas plataformas não é o mesmo?*

CS: Na minha experiência, a exposição online me torna mais conhecida e, com certa frequência, esse conhecimento se converte em venda de livros nas minhas andanças pelo país, mas, na real, acho que o que concretiza mesmo a venda de livros é a minha presença, o contato com as pessoas.

RC: *Você esteve na FLIP deste ano. Quais as experiências mais marcantes do evento para você enquanto escritora negra?*

CS: Eu não diria como escritora negra, mas como escritora. Explico: sou uma mulher negra e isso me inscreve no mundo, é o princípio de tudo, posto isso, não fico o tempo todo me pensando e me posicionando como “escritora negra”, sou uma escritora batalhando para construir uma obra consistente que permaneça no tempo e, obviamente, enfrento as vicissitudes pelas quais passam todas as pessoas negras nesse país racista.

Feito esse preâmbulo que é muito importante pra mim, atuei da seguinte forma na *FLIP* 2019:

1 – Participei de seis mesas como expositora, em três casas diferentes do circuito paralelo da *FLIP*. Na *Casa da Porta Amarela*, participei de uma mesa sobre política e literatura; de outra sobre seres fantásticos na literatura infanto-juvenil e de outra sobre literatura de mulheres lésbicas. Na *Casa Livre*, participei de duas mesas, uma sobre o meu próprio trabalho literário (em parceria com dois colegas que falaram sobre os seus respectivos trabalhos) e outra sobre o racismo e suas permanências nas obras de literatura contemporânea para crianças. Na *Casa Poéticas Negras*, dividi mesa com Grace Passô, mediada por Dione Carlos, na qual discutimos o pensamento sobre o Brasil contemporâneo na nossa obra, minha e de Grace.

2 – Lancei quatro livros autorais: *Kuami* (romance para crianças, 2ª edição, 2019); *#Parem de nos matar!* (crônica, 2ª edição, 2019); *Exuzilhar* e *Pra começar*, dois primeiros volumes da série de sete livros dedicada às minhas melhores crônicas organizadas de maneira temática.

3 – Dois livros dos quais participo foram lançados durante a *FLIP*, são eles: *A resistência dos vaga-lumes*, organizado por Cristina Judar e Alexandre Rabelo (editora Nós), meu texto que trata de um dilema da vida de Alessandra Amoreira, uma mulher trans, tradutora de libras, negra e lésbica. O segundo foi o *Vozes insurgentes de mulheres negras – do século XVII à primeira década do século XXI*, organizado por Bianca Santana (Mazza Edições). Deste livro, dedicado a textos de

certa importância histórica, participo com “O rap das meninas”, escrito e publicado em 1995.

4 – Participei (como autora) do coletivo de editoras que constituiu a *Casa da Porta Amarela*, onde comprei uma mesa para expor e comercializar meus livros. Meu bordão era: “essa é uma mesa de autora, esses livros são meus, foram escritos por mim”. Deu certo. Trabalhei intensamente durante todos os dias da Flip, vendi muitos livros e fiz significativos contatos de trabalho que devem se desenrolar no segundo semestre de 2019 e em 2020.

RC: Quais são seus próximos passos na academia, na literatura e no ativismo?

CS: No ativismo: nenhum. Não sou ativista, sou uma escritora politicamente posicionada, apenas isso.

Na academia: escrever a tese e me libertar do doutorado para me dedicar à literatura com profundidade e na temporalidade que desejo.

Na literatura: cumprir as etapas do meu projeto literário planejadas para o restante de 2019 e primeiro semestre de 2020, entre elas, terminar um livro de crônicas inéditas (o último data de 2014); publicar mais um volume da Série Melhores Crônicas, o *Amores entre iguais* (volume 3); reeditar o *Racismo no Brasil e afetos correlatos*; reunir minha dramaturgia em livro (em processo iniciado pelo grupo Aquilombô, de Belo Horizonte); organizar uma antologia das minhas crônicas que tratam de futebol (solicitação de uma editora de São Paulo); e continuar fazendo com que meus livros já publicados ganhem o mundo. Um prêmiozinho literário ou mesmo uma classificação como finalista em algum concurso não seria mal, daria uma forcinha na carreira, ampliaria possibilidades de trabalho e chancelaria convites diversos. Cairia bem.

Recebido em 29/07/2019

Aceito em 30/07/2019